

Rick Beirão ou Rhubarb Rouge: *A trajetória do artista brasileiro que conquistou a Nova Zelândia*

Luciano Victor Barros Maluly

Doutor em Ciências da Comunicação e professor, ambos na
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.
E-mail: lumaluly@usp.br

Leonel Alvarado

Professor Associado da Massey University of New Zealand
E Diretor dos Programas de Português e de Espanhol.
E-mail: L.Alvarado@massey.ac.nz

Carlos Augusto Tavares Junior

Doutor em Ciências da Comunicação e Pós-doutorando, ambos na
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.
E-mail: carlostavaresjr@alumni.usp.br

Recebido: 15 ago. 2021

Aprovado: 22 out. 2021

Resumo: O ator, produtor e *drag queen* Henrique Beirão Burjac nasceu no Brasil, mas reside na Nova Zelândia, onde é considerado um dos principais artistas contemporâneos daquele país. Nesta entrevista, gravada em Palmerston North (NZ), Rick ou Rhubarb Rouge analisa a integração multicultural entre Brasil e Nova Zelândia e a influência em sua trajetória.

Palavras-chave: Rhubarb Rouge. Integração Multicultural. Jornalismo Internacional.

Abstract: The actor, producer and drag queen Henrique Beirão Burjac was born in Brazil, but lives in New Zealand, where he is considered one of the main contemporary artists. In this interview, recorded in Palmerston North (NZ), Rick or Rhubarb Rouge talks about the multicultural integration between Brazil and New Zealand and its impact in his career.

Keywords: Rhubarb Rouge. Multicultural Integration. International Journalism.

Resumen: El actor, productor y drag queen Henrique Beirão Burjac nació en Brasil, pero reside en Nueva Zelanda, donde es considerado uno de los principales artistas contemporáneos del país. En esta entrevista, grabada en Palmerston North (NZ), Rick o Rhubarb Rouge discute la integración multicultural entre Brasil y Nueva Zelanda y la influencia de la misma en su trayectoria.

Palavras-chave: Rhubarb Rouge. Integración Multicultural. Periodismo Internacional.

Rick Beirão ou Rhubarb Rouge

Fig. 1: Rick Beirão ou Rhubarb Rouge



Fonte: foto do arquivo pessoal Henrique Beirão Burjac

Nascido no Brasil, Henrique Beirão Burjac teve sua infância marcada pela cena cultural de Porto Alegre (RS), como feiras de livros, visitas a espetáculos públicos, como teatros e circos. Aos treze anos de idade, mudou-se para a Nova Zelândia, país em que reside atualmente. Conhecido em solo neozelandês como Rick Beirão, o ator, produtor e ativista cultural representa uma forma de atuação diferenciada: ao invés de ficar voltado ao lugar-comum, não se mostra caricato e tampouco tragicômico.

Beirão enfatiza a alegria como a habilidade de “saber mover o pessoal”, especialmente quando interpreta a *drag queen* Rhubarb Rouge e, por isso, durante a entrevista demonstrou vários timbres vocais relacionados à interpretação de personagens nos espetáculos. Os trechos em que Rick muda seu timbre ou faz uma interpretação estarão marcados ao longo da transcrição da conversa gravada com os professores Luciano Victor Barros Maluly, da Universidade de São Paulo, e Leonel Alvarado, da Massey University (Nova Zelândia), nos estúdios da produtora *Stomach*, na cidade neozelandesa em Palmerston North, em 2019.

Logo, o leitor pode também acompanhar essa experiência sonora, disponível no site do Programa Universidade 93,7 da Rádio USP FM (ver referências), que produziu o Especial Latim Maori. É um debate sobre a integração multicultural entre artistas da Nova Zelândia e da América Latina, especialmente os brasileiros.

Entrevista

LUCIANO MALULY (LM): Conte sobre sua trajetória, do Brasil até a chegada à Nova Zelândia?

HENRIQUE BEIRÃO BURJAC (HBB): Acho que já virou uma coisa que o pessoal chama de *terceira cultura*, ou seja, quando você sai de uma cultura ainda novo [idade], vem para outra e acaba criando uma terceira no meio. Desembarquei na Nova Zelândia em 2000, com treze anos: minha mãe conheceu um *kiwi* (neozelandês) e conseguiu um trabalho, que acabou dando certo, ao contrário do romance dela. A gente decidiu ficar e acabei crescendo aqui, na Nova Zelândia. A minha infância foi basicamente no Brasil e, por isso, eu tenho a cultura brasileira, mas minha formação é neozelandesa. Cresci em dois lugares, mas a minha casa, hoje em dia, é a Nova Zelândia.

L M: Quais são as suas referências, as que vivemos na família, na cidade e com os amigos, que influenciaram a sua arte?

HBB: Sempre gostei, não sei a palavra certa, de... aparecer. Lembro, desde pequeno, de gostar de tocar uma música e estar dançando, e fazer alguma coisa. Recordo que, quando tinha uns quatro anos, de meu pai me levar para uma produção no Theatro São Pedro, em Porto Alegre, de Peter Pan. Acho que a produção era com a Lucinha Lins, e pensei: “é isso aqui que eu quero fazer”. Então, na escola, sempre que tinha alguma atividade artística voltada ao teatro, sempre procurava fazer uma apresentação. E quando me mudei para a Nova Zelândia, o inglês nem sempre era certo, mas as únicas matérias que eu ia bem na *High School*¹ eram *Home School and Home Cooking*, que consistia em ensinar o dever de casa: cozinhar; e também *Drama*, o teatro. Então, quando terminou essa fase da escola, também pensei: serei *chef* de cozinha, pois a minha família sempre disse que sei cozinhar muito bem, mas tem um problema, pois odeio ter que cozinhar obrigado; ou farei teatro. Na infância, as minhas referências foram a televisão, a música e, especialmente o teatro. Sempre gostei dessa coisa de ir ao teatro, que é um hábito que adquiri quando pequeno. O Brasil tem essa cultura de levar a criança para ver qualquer

apresentação no circo, teatro, dança e a minha família sempre foi muito disso. Apesar disso, sou o único na família que faz alguma coisa relacionada às artes.

LM: Quantos anos você tinha quando chegou aqui?

HBB: Treze anos. Porém, falava apenas o básico do inglês, daquele que se aprende na *High School*, quer dizer, na escola: *My name is. The book is on the table*. Para começar a entender essa língua, demorou uns três meses. Quando cheguei na *High School*, o pessoal já vinha falando palavrão na minha cara, ofendendo, e eu falava *Thank you*, me sentia agradecido, como um muito obrigado por me receber, mas sem saber que eles estavam debochando da minha cara. Foi difícil, mas foi um bom aprendizado.

LEONEL ALVARADO (LA): Qual é o significado dos seus três nomes: Henrique, Rick e Rhubarb?

HBB: Acho que tive que me adaptar à cultura porque, cada vez que você fala um nome diferente, muda um pouco da sua personalidade. Eu noto que sempre que, sempre quando estou com os brasileiros, meu nome é sempre o Henrique, mas quando estou no meio dos *kiwis* fica mais fácil me chamarem de Rick e quando estou de *drag [queen]* é a Rhubarb, que é totalmente uma outra personalidade. Meu nome sempre está associado a alguma coisa, com uma cultura diferente.

LA: O que pensa sobre a Nova Zelândia?

HBB: Serei honesto. Não sabia nada sobre a Nova Zelândia quando vim para cá. Estava ansioso por chegar a um lugar novo e descobrir vida nova. O país cresceu muito, desde que eu cheguei e também mudou muito; ficou muito mais aberto às culturas e não parece mais ser aquele lugar tão pequeno e desconhecido. A Nova Zelândia virou e deu um *boom* e é, agora, o lugar que todo mundo quer conhecer.

LA: Quais são os lugares que você morou?

Primeiro, fiz uma caravana. Cheguei a New Plymouth, em [na região de] Taranaki. Naquele momento, foi um choque enorme vir de Porto Alegre, com mais de um milhão de pessoas, para uma cidade de 60 mil habitantes. Estava acostumado com Shopping Centers, mas naquela cidade fecha tudo às 10 horas da noite. O local tem tudo que você quiser, mas o comércio fecha às cinco horas da tarde e cidade fica um deserto. Depois, de New Plymouth viemos para Palmerston North, pois a minha irmã veio fazer faculdade. Em seguida, fui para Wellington, onde fiquei um bom tempo para fazer faculdade e é a cidade que considero a minha casa. De lá, fui morar em Melbourne, na Austrália, até retornar para Palmerston North.

LM: Rick, qual foi a sua primeira *performance* artística na infância?

HBB: Têm duas que me vêm à cabeça: quando era pequeno (tinha seis ou sete anos de idade), ganhei um kit de mágica da minha mãe. A gente foi na Feira do Livro e vi um livro de mágica, que acabei ganhando de presente. Lembro de colocar as cadeiras na sala, pedir para todo mundo sentar e dizer: farei um show de mágica! Fiquei tentando colocar as músicas na fita cassete, apertar *play*, *stop* e fazer o show. Eu acho que essa foi uma das primeiras *performances*. Mas acho que a primeira vez de [estar] querendo aparecer no palco foi no Brasil. Lá tem muito aquela coisa, em épocas de Natal, de fazer apresentação de presépio na escola. Lembro que fui o José e me senti assim [com voz de suspiro]: *uaaaau!* [com voz de empolgação] “Estou sendo José! Eu estou no palco!”. Meu sentimento começou ali. Recordo de me sentir confortável com aquilo, de estar num lugar bom. Pensei: eu gosto daqui.

LA: E aqui, na Nova Zelândia, quando você entrou em contato com o teatro?

HBB: Entrei em contato quando estava na *High School* e comecei a fazer parte de grupo de teatro e, quando terminou a *High School*, pensei: acho que isso é bem típico de família brasileira: não vamos fazer teatro, porque isso não dá dinheiro. Vamos para um negócio melhor que, no meu caso, era ser *chef* [de cozinha]. Daí, quando chegou na hora de fazer a inscrição para o curso [de Gastronomia], eu falei: não! Não vou, vou fazer o que eu gosto. Fiz um curso de seis meses que era para ver se era exatamente o que eu queria. Mas aí começou de novo aquela dúvida: será que dá dinheiro fazer isso? Daí fiz Design

Gráfico, por um ano... Entrei na Massey [University] por seis meses, mas estava vendo que tinha passado um ano e eu não estava feliz, aí voltei para o teatro. Daí fiz um curso de atuação nas artes cênicas por dois anos e, depois, fiz uma outra faculdade de Produção [Cênica] por três anos.

LA: E você tinha o apoio da sua família?

HBB: Sim, minha família é basicamente minha mãe e minha irmã. A gente mudou junto para cá e a minha mãe sempre disse “desde que tu sejas feliz, faça o que tu quiseres”. E ela é tão apoiadora, sendo o tipo da mãe que, quando eu comecei a fazer *drag [queen]*, ela ia para o parque à meia-noite para assistir ao show e torcer por mim. Quando havia competições ela fazia minhas fantasias. Família: minha mãe e minha irmã foram essenciais para eu fazer o que eu estou fazendo.

LA: Isso foi muito importante para você. Então, quando começou a fazer *drag queen*?

HBB: Estava no meio [do curso] na Escola de Artes Cênicas. Foi também quando comecei a descobrir mais a minha sexualidade e tudo mais. Daí comecei a fazer teatro e ir para o palco. E uma noite, fiquei com um menino e, na noite seguinte, ele apareceu de novo, só que estava todo montado. Ele chegou: “Oi, querido!! Você me conhece como menino, mas não como menina.” E a gente começou uma amizade e tudo mais. Aí ele disse: ah, eu não consigo achar uma *drag [queen]*... Daí eu disse [com timbre de voz da Rhubarb]: “posso tentar?”. [como Rick] E aí ele me olhou assim de cabeça baixa. “Ué...se tu queres...”. E dali começou e, já vai fazer onze anos, pois foi em 2008 que comecei. E, de começar com um showzinho só para ver e daí comecei a fazer várias coisas, e não parou. Tudo começou em Wellington, porque tinha uma cena de *drag [queen]* bem grande naquela época. É engraçado, porque se consegue ver, olhando para uns anos atrás, quanto a internet, aplicativos de celular e também, tipo [o show] *The RuPaul’s Drag Race*, afetaram a cena *gay* e a cena de *drag*. A cena *gay* mudou muito por causa que o pessoal ia para o bar para conhecer gente, para poder encontrar gente. Mas hoje em dia, você usa o telefone, encontra alguém e não precisa mais sair. E em *drag [queen]* mudou muito porque não tem a mesma originalidade que tinha quando comecei há, mais ou menos, quase doze anos. Hoje em dia é muito “eu vi aquela *drag* do RuPaul e eu quero fazer

igual”. É muito de querer copiar ao invés de trazer alguma coisa fresca, *fresh*, um sabor fresco para *drag*. É muito legal ir a um show e conseguir se surpreender com as novidades, não de ver uma coisa que é só “ah... tá...”, mesma coisa. O que se nota é que se tem uma *regra* para *drag*, mais ou menos assim: faça uma música de, no máximo, três minutos porque, senão, o pessoal vai se irritar; tira metade da música e vai direto para o último refrão, para poder manter o ritmo. E você nota que há coisas que se tem que fazer no show: se no primeiro refrão o pessoal já está no telefone, é que eles não estão interessados em ver o seu show, eles começam a fazer outra coisa. Então é interessante ver quando alguém consegue captar a sua atenção num show de *drag*.

LA: Você pode falar sobre a identidade da *drag*?

HBB: Sou uma mistura! Gosto de poder dizer que sou brasileiro, mas também gosto de poder misturar essa coisa. Gosto de poder dizer que a Rhubarb tem essa essência latina, que ela traz um pouco a mais de diversão. A primeira peça que fiz, e também escrevi, foi a respeito da minha vida, que se chama: *Confessions of a drag queen* (Confissões de uma *drag queen*), que foi basicamente contando como saí do Brasil com treze anos, novinho. Na verdade, a história se passa antes de estar brincando com boneca, quando era pequeno e com a minha irmã se irritando; de ir mudando para a Nova Zelândia e começando a fazer *drag* aqui na Nova Zelândia; a vida de *drag*. Gosto de poder falar dessa minha cultura em *drag* e de poder experimentar.

LA: Mas que elementos da cultura brasileira você gosta de falar como *drag*?

HBB: Acho que é a alegria e cor. É a coisa que mais noto com a Rhubarb. Noto que, às vezes, as *drags*, na Austrália e aqui, não têm animação, é muito [com entonação de *glamour*] “ah, eu sou gostosa; ah, eu sou mulher, blasé...”. E se nota, que quando a Rhubarb chega, ela tem uma alegria.

LM: Rhubarb é o pseudônimo da personagem?

HBB: Rhubarb é o alterego! Que ela tem uma alegria que anima as pessoas e noto isso com cor, aquela coisa brasileira que acho que é só em português tem: a ginga. A Rhubarb

tem ginga, ela sabe animar o público. Ela chega, levanta, tanto que minha mãe me falou, quando for fazer um show: “não faça música lenta, faça uma coisa com ginga, com alegria, põe uma Ivete Sangalo. Põe alguma coisa para animar!”

LM: E você tem um trecho dessas “Confissões” para a gente lembrar, dá para reproduzir um pouquinho?

HBB: A gente reproduzi uma fala da minha infância que gosto e é engraçada: a gente brincava com bonecas e a fala era em português; pegamos duas pessoas ao mesmo tempo fazendo tradução simultânea e é basicamente assim: minha irmã chegava e dizia para minha mãe: [com voz de criança] “Mãe, ele pegou minhas Barbies de novo!” [com voz narrador de documentário]: *Mom, he got my Barbies, again!* Então, ela [com voz da mãe] diz: “Qual é o problema? Não há nada de errado.” [com voz de narrador de documentário]: *what’s the problem. There is nothing wrong with that. Let him play.* Daí [com voz de criança]: “Tem sim! Garotos que brincam de Barbie são gays.” [com voz de narrador de documentário]: *Yes, there is. Boys who play with Barbies are gay.* Gosto de poder dar aquela ideia que você está vendo isso acontecer e parece que tem um filme acontecendo. E meio que, traduzir e tirando essa cultura aqui e mostrando para o pessoal [com voz de intimidação]: *kiwi, como é que é!*

LA: Que tipo de música você usa nas suas *performances*?

HBB: Música alegre. Depende da *performance* e de onde você está. Se está em um teatro e está fazendo alguma coisa mais dramática, uma música lenta até pode começar aí, mas quando você está às duas [horas] da manhã num bar *gay* e estar fazendo um show de *drag*, a última coisa que uma pessoa quer ver é alguém encenando com uma música *slow*, com uma música lenta. Você tem que animar, a razão de você estar num bar é para entreter. Para mim, é sempre música alegre, sempre música pop, para cima, já usei música brasileira. Eu ponho, de vez em quando, uma música axé, aquela coisa bem pop brasileira, que tem aquele *beat*, aquele gingado, aquele ritmo. Tem que saber mover o pessoal.

LA: Quais músicas?

HBB: Já fiz Ivete Sangalo, Anitta, porque parece que agora ela é a sensação do momento e tem muita gente que aqui está conhecendo o trabalho dela, mas também já fiz músicas que permitem poder brincar com os estilos. Então, tem uma música famosa (A Rainha da Noite) que era de um comercial com a Cássia Eller e o Edson Cordeiro, que era a ópera [A Flauta Mágica, de Wolfgang Mozart] com uma mistura de *Satisfaction*, dos Rolling Stones. Gosto dessa ideia de poder misturar e (re)criar, ou seja, você ouve a música e se cria a performance. E aí eu penso assim, *I can't get no satisfaction* [eu não consigo ficar satisfeito] e aí tem uma mistura, de poder estar fazendo o que não se consegue, ter um prazer sexual, mas ao mesmo tempo ser um cantor de ópera. E também já fiz tipo, Yma Sumac [soprano peruana que ficou famosa, especialmente, na década de 1950]. Gosto de poder fazer essas coisas que o pessoal não está esperando, como a música que está no momento, mas que também entretinha as pessoas. Misturar, pegar, cortar a música, fazer coisas diferentes, várias vezes. Acho que é a parte favorita que gosto, mas não é nem de colocar a maquiagem e fazer *drag*, mas o planejamento do que farei.

LA: O que você acha da música neozelandesa?

HBB: Tem muita música neozelandesa bonita, mas eu acho que a Nova Zelândia é um país muito novo. Podia ter um pouco mais de profundidade do que a música brasileira. De vez em quando falta um *je nes sais quois...* um tempero, exatamente. Falta um pouquinho de pimenta.

LM: Dessas *performances* que você conheceu, tem algum que você tem como referência?

HBB: Uma referência que eu tenho, quando era pequeno e vi [quando estava] crescendo foi a Rogéria, mas eu sinto que tinha uma coisa que não era uma energia boa, era *degraded*, sabe, não tinha valor. E a Rogéria foi uma pessoa que eu vi e ela disse: “quer saber, eu vou ser eu, a travesti da família brasileira”. E ela foi aceita, ela não foi fazer uma coisa chula, foi fazendo uma coisa com respeito e talento mesmo. Acho que ela seria uma transformista que admiro, o Astolfo Barroso Pinto!

LA: Você mora em Palmerston North, que é uma cidade conservadora. Então, você poderia falar sobre isso?

HBB: Eu acho que Palmerston North mudou muito de quando eu morava aqui há 15 anos e acho que, na verdade, havia muito mais bares e coisas acontecendo e não iam poucos, mas a cidade não é tão conservadora como eu pensava. Na verdade, eles querem, mas não tem ninguém provendo nem oferecendo. E é uma coisa que estou tentando planejar. Na verdade, tem até um *meeting* [reunião] amanhã, tentando fazer uma vez por mês uma noite de *drag* ou um bingo ou algum show. Mas, ano passado, encenei uma outra peça que já tinha feito aqui na Nova Zelândia e na Austrália e apresentei aqui [Palmerston North] que é *Lashings of Whipped Cream: A Session with a Teenage Dominatrix*, que em português seria “Jogadas de chantilly: uma sessão com uma *dominatrix* adolescente”. É uma peça famosa da Nova Zelândia, que foi escrita no final dos anos 1980 e começo de 1990. Fui uma das primeiras pessoas a fazer em *drag* e, sinceramente, foi uma aceitação muito boa. Caminhei pela cidade de *drag* [queen] dando *flyers* e não teve uma vez que fui abusado ou insultado. Sempre tem aquelas pessoas que são um pouquinho mais reservadas, mas acho que talvez falte um pouquinho de educação, talvez mais variedade para eles verem e aprenderem. Acho que quanto mais tiver, mais aberto eles vão ser.

LM: Qual o conselho do Rick aos atores e produtores iniciantes e independentes?

HBB: Se tu queres ter o teu show, deve correr e ir atrás; de novo, tem a aquela coisa de “não desista”, mas tem algo importante que aprendi: sempre trate as pessoas bem, porque tu nunca vais saber quem é a pessoa que vai poder te ajudar amanhã. Estudei em uma faculdade de *Patch Live Of Performing Arts Management*, que foi de produção, direção de palco e coordenação. Nos bastidores se aprende, mas, na verdade, o produtor nunca realmente é pago como deve ser pago, porque você está sempre trabalhando. Sempre observe quais oportunidades que se pode pegar. Ou seja, conheça o pessoal do teatro, porque você sempre está se vendendo e pensando quem é a pessoa que pode me liberar o financiamento ou dar alguma coisa de graça. Assim, eu posso conhecer certa pessoa que pode me ajudar. Então, um produtor nunca pode parar de trabalhar e está sempre correndo atrás. E se você realmente acredita na ideia, e não importa qual seja a ideia, mesmo sendo a mais maluca: é importante correr atrás e fazer [o show], que é assim que funciona. Se você realmente acredita na ideia, vai funcionar.

LM: Você falou uma coisa muito legal, que é sempre ter esse cuidado com tudo – o produtor não pode se desligar em nenhum minuto. Como consegue ser o produtor, sendo você o próprio produto?

HBB: É muito difícil. Foi quando eu estava fazendo *Lashings*, e eu chamo isso de *wear different hats* (usar chapéus diferentes). Então, na hora que sou produtor, também tenho que, de vez em quando, que tirar o chapéu e ser o *performer*. Até aí estou me concentrando em ensaiar, mas ao mesmo tempo estou pensando: “mas a gente não pode fazer isso no palco, porque não tem dinheiro para comprar determinada coisa ou não pode fazer isso com a luz, porque não tem *isso*”. Deve-se ficar alerta 24 horas, mas, de vez em quando, precisa ter aquela disciplina, de se concentrar, e saber no que você está se concentrando e na hora certa.

LA: Você gostaria de levar o seu show ao Brasil?

HBB: Adoraria! Estou pensando. Acho que a peça da *dominatrix*, ao mesmo tempo que é muito *kiwi*, foi feito aqui e acho que, se traduzindo, para o Brasil, seria muito legal e daria certo lá. Estou pesquisando ideias. Quem sabe?

LA: E você mantém contato com artistas do Brasil?

HBB: Não tenho muito contato com alguns do Brasil. Eu já pedi e estou pesquisando ideias. Quem sabe?! Já tentei fazer contatos, como pedir para o Miguel Falabella, por exemplo, porque eu queria fazer uma versão em inglês da (peça) *A Partilha* aqui [na Nova Zelândia]. Então, tenho essas ideias, de tentar trazer coisas de lá, porque o humor brasileiro é muito rico. Temos uma coisa com o nosso humor. Acho que, ao mesmo tempo que sabemos fazer um humor escrachado, também tem o humor mais inteligente. Acho que esse humor seria uma coisa boa para se trazer para cá. Então... Quem sabe?!

LA: Poderia explicar sobre o seu atual trabalho no teatro mais famoso de Palmerston North?

Sou *Production Manager*, ou Gerente de Produção, do Centrepont Theatre, que é um teatro que está aqui na Nova Zelândia há 45 anos e é o único teatro profissional na Nova Zelândia fora das áreas urbanas: Auckland, Wellington ou Christchurch. Então, é um teatro muito importante para a Nova Zelândia, ainda mais porque continua trabalhando por todos esses anos sem fechar e, continua sendo profissional. Aqui na Nova Zelândia é muito difícil conseguir dinheiro para o teatro, porque nos últimos anos foram quase três ou quatro teatros fecharam por causa de dinheiro. É um ótimo trabalho em que posso fazer a minha parte de produção: tenho aquela coisa que é mais direta, que sei o que estou fazendo, mas ao mesmo tempo consigo ser criativo.

LM: Seria possível interpretar, a partir das últimas peças, um trechinho para a gente?

HBB: Eu acho que a minha parte favorita na [peça] *Lashings*, é quando a *dominatrix* entra no teatro e você está na sala. Lembrando que o teatro, basicamente, é composto por clientes. Ela chega assim e vira [com voz grossa e erótica]: “Oi... tudo bom...”. Geralmente não precisa ser uma excursão, porque não faço com grupos tão grandes, porque os clientes são mais íntimos! [risadas...]” E eu gosto, porque ao mesmo tempo ela foi um dos meus personagens favoritos, porque basicamente ela fala de sexo a toda hora e de coisa que seria bem *kinky* (não convencional), porque não falamos a respeito. Então ela fala, de cara que gosta de vir para apanhar, que gosta de se vestir de mulher e apanhar, ou gosta de ser humilhada e, ela vai perguntando assim: “eu estou fazendo uma xícara de café e conversando a respeito, senta e fala da vida dela” e a minha parte favorita do show é quando ela começa a falar de fantasia sexual, que tem gente que gosta da básica, de enfermeira, ou a calcinha de renda. Daí ela começa a entrar pelo palco e “E aí? Qual é a sua fantasia sexual?” A minha parte favorita do show é quando ela pergunta isso para umas dez pessoas. E as coisas que se ouve; se for ficar pensando... [com voz de asco] é “Aah... Pois é!... Tudo bem!” E, assim, cria-se um clima, porque o teatro é tão íntimo que as pessoas se sentem seguras, porque o espaço é suficiente para dividir algumas coisas.

LA: Fiquei interessado quando falou do humor brasileiro e a influência em suas peças. Poderia analisar o seu processo da escrita, ou melhor, da sua identidade por meio do texto?

HBB: Escrevi duas peças até agora e, para mim, é um processo diferente porque se tem que fazer e testar... É daí que vem a ideia. Por exemplo, a *Confessions* escrevi quando estava em casa, às dez horas da noite e não tinha o que fazer; e daí pensei: vou fazer uma peça sobre a minha vida. Sabe quando dá aquela loucura assim no meio da noite? E sentei e escrevi 15 páginas. E acho que é aquela coisa de inspiração. Depende muito disso, porque vai ter tempo que vou sentar e não vou escrever nada por um ano ou dois, não vou ter vontade, mas, de repente, vem aquela inspiração. Não tenho que sentar e ter a obrigação de fazer isso. Ou, então, acontece algo no dia a dia e penso: nossa, isso daria uma cena de filme, seria muito legal. Por isso é que se deve ter a inspiração.

LA: Então, a escrita é um processo muito importante ao falar de sua identidade?

HBB: Sim. Acho que, geralmente, todo mundo que escreve precisa saber o que está escrevendo. Então, o texto é uma coisa muito pessoal porque tem que saber: ou vem de dia ou tem que pesquisar muito para saber o que está escrevendo. Lembro quando logo que comecei a fazer teatro, escrevi uma minipeça de cinco minutos e o pessoal leu e disse assim: “Ah, isso és tu. Esses personagens são basicamente diferentes versões de ti”. Deve fazer mais diferente para poder mudar os personagens porque, no momento, estamos vendo três versões de ti. Então, acho muito talentoso [existirem] pessoas que conseguem escrever e criar personagens diferentes, porque realmente tem isso de observar as pessoas no dia a dia em vários lugares. Essa pessoa daria uma peça, aquela outra daria um personagem, daria um *character* de um Shakespeare, alguma coisa assim.

LM: O que você procura, dentro das suas produções, transmitir para as pessoas, especialmente aos neozelandeses e aos brasileiros?

HBB: Acho que depende muito do que estou escrevendo e do tema que estou escrevendo, mas, geralmente, é aquela coisa de querer entreter, de ver as pessoas felizes, mas que, ao mesmo tempo, é muito triste o que se vê com o palhaço no circo, porque o palhaço é uma coisa extremamente depressiva, porque ele tem aquela necessidade de fazer todo mundo feliz. E é a mesma coisa que acho quando faço o show de *drag* ou quando estou fazendo teatro. É aquela necessidade de, por um momento, poder desligar as pessoas do mundo

que elas estão, do que está acontecendo ao redor delas e poder levá-las para algum outro lugar.

LM: Quais são as referências da Nova Zelândia que lhe o influenciam?

HBB: Acho que, não necessariamente na minha obra, mas no jeito de trabalhar, a cultura maori ensina você a viver e trabalhar em grupo. A Te Pōkai Tara, por exemplo, é uma universidade com uma cultura maori. Quando você chega na faculdade, quando chega alguém na faculdade, tem o haka [dança maori], pōwhiri que a gente faz para *welcome* (dar boas-vindas) para todo mundo. Acho que a coisa mais importante que aprendi é não ser individualista, apesar de você ter que ser individualista de vez em quando, nessa profissão: você tem que correr atrás e fazer você mesmo, mas, ao mesmo tempo, aprender a trabalhar em grupo e saber ouvir; saber poder dar *feedback* (retorno) e receber *feedback* ao mesmo tempo. Se não consegue fazer isso, o seu trabalho não vai para a frente.

LA: A cultura maori tem influência na sua *drag* no seu show?

HBB: Não posso dizer que tem, eu acho que tem muito mais a brasileira, mas tem muita música em maori que eu já quis fazer de show de *drag*. Tem uma ópera da Kiri Te Kanawa, que acho fantástica e que daria um show de *drag* maravilhoso ou Poi E, que é uma música famosa da Nova Zelândia em maori, que, eu acho que nos anos 1980, ficou nas rádios como número um por, não sei quanto tempo.

LA: Porque tem documentário, agora, sobre isso?

HBB: Sim, e o próprio Taika Waititi usou em filmes dele. Ele fez uma cena fantástica que ele usa Poi E, mas faz como um *Thriller* do Michael Jackson... É fantástico!

LA: Mas não tem uma haka *drag queen* ou maori *drag queen*, uma coisa assim? Você visualiza, por exemplo, a haka no seu show seria possível ou o Pōwhiri?

HBB: Já vi isso em outro show de *drag* e acho que há uma coisa que, como o pessoal tem muito respeito com a cultura maori, muito Mana, como chamamos, não me sentiria correto em fazer. Acho que não seria culturalmente apropriado, *culturally appropriate for me today*, porque eu não carrego isso [identidades], apesar de ter muito respeito, ter aprendido com a cultura maori, ter ido numa escola maori, acho que não tenho os anos de história que eles tem para poder fazer isso que eles estão fazendo. Não seria respeitoso para a cultura.

LM: Agora queremos saber do Rick, quais são as suas considerações. Agora a palavra é sua: fale o que você quiser, interprete o que você quiser.

HBB: A única coisa que posso lembrar para todo mundo é que, ao falar de teatro, dessa minha história e tudo mais, é a mesma coisa que disse antes: “se você quer alguma coisa, corre atrás” – é aquela coisa que se põe na sua cabeça as coisas vão acontecer. Quando era pequeno, no Brasil, tinha um jornalzinho da escola, que era um projeto da sexta ou sétima série e eles falaram: faça uma entrevista e tudo mais. E eu falei que iria fazer uma entrevista com a Marisa Monte. Eles falaram: “Há há há, tá!” Liguei à Sueli Aguiar, Leonardo Neto, e para dizer que queria fazer uma entrevista. Mandeí à produtora e “tudo bem! Venha aqui e faça uma entrevista com ela”. E disse: “Cheguei estão aqui as fotos e fiz uma entrevista com a Marisa Monte. Sempre coloquei na minha cabeça: se quero alguma coisa, se realmente quero, vou atrás e faço. Se não consegui é porque, realmente, eu não queria ou estava muito pouco interessado na ideia.

Acho que a minha mãe me falava, quando eu era pequeno, não sei... se era sobre o Miguel Falabella, ou algum outro artista: aquela pessoa é muito multimídia, faz de tudo um pouco. E acho que a gente está vivendo num tempo em que se deve saber fazer de tudo um pouco para poder sobreviver. Então, ao mesmo tempo que eu sei fazer *drag*, também sei fazer produção. Tem que saber não necessariamente é o que você ama, mas é o que está te dando dinheiro e vai te ajudar a sobreviver na época, mas que depois pode fazer. Então se tem que saber fazer várias coisas para poder fazer o que você quer.

Referências

BEIRÃO, R. **Rhubarb Rouge** (site oficial). Disponível em: <<http://www.rhubarbrouge.com>>. Acesso em 14 mai. 2020.

_____. **Instagram**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/rhubarbr>>. Acesso em 24 mai. 2020.

TNZ (Television New Zealand). **House of drag**: Rhubarb Rouge. Disponível em: <<https://www.tvnz.co.nz/shows/house-of-drag/meet-the-dragstars-season-2/rhubarb-rouge>>. Acesso em 24 mai. 2020.

BURJAC, H. B. **Entrevista** concedida a Luciano Victor Barros Maluly e Leonel Alvarado. Studio Stomach. Palmerton North (Nova Zelândia), 9 de outubro de 2019. Transmitido também pela Rádio USP, em 08 e 15 de março de 2020.

Primeira parte disponível em:

<http://www.usp.br/cje/radiojornalismo/index.php/2020/03/02/8-de-marco-de-2020-serie-latin-maori-henrique-rick-beirao-parte-1/> Acesso em 26 mai. 2020.

Segunda parte disponível em:

<http://www.usp.br/cje/radiojornalismo/index.php/2020/03/02/15-de-marco-de-2020-serie-latin-maori-henrique-rick-beirao-parte-2/> Acesso em 26 mai. 2020.

ⁱ Na maioria dos países de língua inglesa, *High School* equivale ao Ensino secundário ou médio.